

FICHA TÉCNICA

Título original: *Cevdet Bey ve Oğulları*

Autor: *Orhan Pamuk*

Copyright © 1982, 1995, İletişim Yayıncılık A.Ş.

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Álvaro Manuel Machado*

Revisão: *Rita Silva/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 420 860/17

1.ª edição, Lisboa, março, 2017

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

Prólogo

1. A manhã	13
2. Muçulmano e comerciante.....	21
3. O Jovem Turco.....	31
4. A farmácia.....	37
5. Um bairro antigo.....	42
6. O almoço	50
7. No <i>konak</i> de um paxá	60
8. A propósito do tempo, da família, da vida	70
9. Uma casa sólida em Nişantaşı.....	78
10. O pedido do doente	85
11. Os inteligentes e os idiotas	95
12. A noite e a vida.....	105

SEGUNDA PARTE

1. Um jovem à conquista de Istambul	113
2. Um almoço de festa em família.....	123
3. Uma tarde	130
4. Velhos amigos	141
5. Outra casa	149
6. O que fazer na vida?	156
7. Antes da partida.....	166
8. Senhoras em Beyoğlu.....	174
9. Um final de dia.....	182
10. Uma carta do Oriente	187
11. Dia feriado em Beşiktaş	193
12. O tio e o seu sobrinho militar	200
13. O pedido de casamento	210
14. Passeio ao ar livre.....	218
15. O poeta engenheiro na cerimónia de noivado.....	227
16. Ambicioso e noivo	238
17. A minha vida: meio século dedicado ao comércio.....	245
18. O funeral	255
19. O calor e o bebé	265
20. Por que razão somos assim?.....	274
21. Uma taberna em Beşiktaş	283
22. Diário I.....	294
23. Mais uma festa	301
24. Tempestade	309
25. O quarto de Rastignac	322
26. A manhã do primeiro dia.....	329

27. O poeta em Beyoğlu.....	337
28. Para passar o tempo	344
29. Diário II.....	353
30. Dois melómanos.....	358
31. O despertar	365
32. As preocupações de um comerciante	377
33. A voz do coração	391
34. O banquete	397
35. Sempre as mesmas discussões fastidiosas	406
36. A partida para a ilha	414
37. Colocação dos carris.....	422
38. A última noite	431
39. O outono.....	441
40. Ancara.....	449
41. Uma filha da República	457
42. Em casa do deputado	465
43. O Estado	476
44. As esperanças do deputado.....	493
45. Na companhia do escritor reformista.....	504
46. Entre os turquistas	516
47. Tédio	525
48. O deputado está infeliz	533
49. Família, moral, etc.	544
50. Novamente em Istambul.....	554
51. Viagem.....	561
52. O eterno insatisfeito.....	566
53. Na companhia dos jovens.....	579
54. O tempo e um ser humano autêntico.....	587

55. A circuncisão.....	594
56. O interrogatório.....	605
57. As medusas	617
58. Um domingo	631
59. A derrocada.....	640
60. Diário III	650
61. Burburinho	662
62. Está tudo bem.....	668

TERCEIRA PARTE

Epílogo

1. Um início de dia.....	679
2. O prédio de Nişantaşı	687
3. A irmã mais velha	694
4. Um amigo.....	703
5. Ao telefone.....	715
6. Um jantar	722
7. Juntos	731
8. Os velhos cadernos	740
9. A vida e a arte.....	749
10. Elogio do tempo que passa.....	759

PRIMEIRA PARTE

PRÓLOGO



«A manga do pijama, as minhas costas... A turma toda... Os lençóis... Que raio de coisa, a cama está toda molhada! Sim, é verdade, está tudo molhado!... E estou a acordar...», murmurou Cevdet Bei. Era como no sonho que acabara de ter. Voltou-se na cama, maldisposto, e, ao lembrar-se do sonho que tivera, sentiu medo. No sonho, estava sentado defronte do seu professor de escola primária, em Kula. Levantou a cabeça do travesseiro húmido de suor e ergueu-se na cama. «Era mesmo assim: estávamos todos sentados na carteira diante do professor. E estávamos com água até ao joelho», disse para si mesmo, baixinho. «Por que razão? Porque o teto da escola estava com um buraco e deixava passar a água da chuva. A água que escorria do teto caía na minha cara, no meu peito, espalhava-se pelo meu corpo, por toda a sala de aula. O professor erguia o ponteiro na minha direção e dizia para a turma toda: “O culpado disto é o Cevdet.”» Estremeceu ao lembrar-se daquela cena do sonho, ao lembrar-se da maneira como o professor apontava para ele o ponteiro, furiosamente, culpando-o, e também ao lembrar-se dos olhares de acusação e desprezo que lhe lançavam os camaradas de classe, sobretudo do olhar de desdém do seu irmão, dois anos mais velho do que ele. No entanto, curiosamente, o professor, que podia sem pestanejar bater nos alunos com o ponteiro do quadro ou dar uma sonora bofetada que punha qualquer aluno tonto e cheio de medo, não esboçava o menor gesto na sua direção para o castigar por ter provocado a queda de toda aquela água vinda do teto. «Eu era diferente dos outros, estava sozinho, desprezavam-me», pensou Cevdet Bei. «Mas nenhum deles, nem sequer o professor, se aproximava de mim. Como se eu tivesse lepra. E, entretanto, a sala de aula, toda a escola ficava cada vez mais inundada!» O pesadelo tornou-se, de repente, uma agradável recordação: «É isso: eu era diferente de todos os outros, ficava sozinho, mas ninguém tinha a coragem de me castigar.» Levantou-se e, nesse instante, lembrou-se subitamente de que, um dia, tinha subido para o teto da escola e partira algumas telhas. «É verdade,

agora lembro-me: parti algumas telhas. Que idade tinha nessa altura? Tinha sete anos. Agora, tenho trinta e sete, estou noivo e vou casar em breve.» O coração alvorçou-se ao lembrar-se da noiva. «É verdade: vou casar-me em breve. E depois... Meu Deus, que estou eu para aqui a fazer, parado, tenho de me despachar! Já estou atrasado!» Para perceber que horas seriam, correu para a janela e olhou lá para fora, afastando os cortinados. Havia nevoeiro e uma luminosidade estranha. Chegou à conclusão de que o dia estava a despontar e o sol rompia por entre o nevoeiro. Depois, ficando irritado consigo mesmo por estar ainda preso a esse velho hábito, foi ver que horas eram no relógio: era meia hora, segundo a contagem das horas à maneira turca¹. «Vamos embora, nada de atrasos», murmurou, correndo para a casa de banho.

Depois de se ter lavado, sentiu-se mais bem-disposto. Ao barbear-se, voltou a pensar no sonho que tivera nessa noite. Depois, lembrou-se de que tinha de ir ao *konak*² de Şükrü Paxá. Vestiu um casaco e umas calças novos, uma camisa de colarinho engomado e pôs a gravata que considerava a mais elegante de todas. Enfiou na cabeça o fez chique que tinha mandado fazer para o casamento. Viu-se ao espelho, o pequeno espelho da penteadeira, e a sua imagem agradou-lhe, embora sentisse uma ténue tristeza. Pareceu-lhe que era um pouco ridícula aquela preocupação com a sua imagem afetada ao dirigir-se apressadamente, ansiosamente, para o *konak* onde vivia a noiva. Foi sentindo essa leve e inofensiva melancolia que ele abriu os cortinados do quarto. O nevoeiro encobria os minaretes da mesquita Şehzadebaşı, mas sem ocultar a cúpula. O caramanchão do jardim ao lado estava mais verde do que nunca. «Vai estar calor», pensou. Debaixo do caramanchão, um gato lambia lentamente o corpo. Sentindo que algo lhe vinha à memória, Cevdet Bei debruçou-se à janela e viu o cupé que tinha acabado de chegar e de estacionar mesmo defronte. Os cavalos agitavam a cauda. Enquanto esperava por

¹ Na civilização muçulmana, as horas de um dia são calculadas a partir do pôr-do-sol, divididas em duas vezes doze horas para o dia e para a noite. Este sistema de contagem das horas perdurou até à República. (NT)

² A palavra *konak* designa uma mansão, uma residência nobre, um palacete. (NT)

Cevdet Bei, o cocheiro fumava um cigarro diante da porta de casa. Cevdet, lembrando-se de meter nos bolsos o isqueiro e o pacote de cigarros, a carteira e o relógio de pulso, que consultou apressadamente, saiu do quarto.

Como era habitual, desceu as escadas num tumulto ruidoso. E, como sempre, ao ouvir o barulho na escada, Zeliha Hanım³ acolheu-o com um sorriso, em baixo, e disse-lhe que o pequeno-almoço estava pronto.

— Não há tempo, Zeliha Hanım, tenho de sair já! — disse Cevdet Bei, com um sorriso forçado.

— Sem comer nada?! — replicou a velha, com um ar reprovador. Ao reparar na expressão firme, determinada, de Cevdet Bei, correu para a cozinha.

Cevdet Bei viu-a a afastar-se, correndo para a cozinha, com irritação, mas não teve coragem de sair. Interrogou-se sobre como conseguiria livrar-se da velha depois de estar casado. Ele e aquela velha, que era uma parente afastada, viviam naquela casa como mãe e filho. Há nove anos, quando tinha comprado a casa, trouxera-a para viver com ele, embora houvesse parentes muito mais próximos do que ela em Haseki, pensando que Zeliha se meteria menos na sua vida do que qualquer um deles. Pobre e sem ninguém que tomasse conta dela, não tendo onde ficar, Zeliha ficou alojada no rés do chão da casa de quatro assoalhadas, encarregando-se, em troca, das tarefas domésticas, da cozinha e da organização geral. «Não sei como vou conseguir que ela aceite deixar de viver comigo», pensou Cevdet Bei, olhando para o andar ocupado por aquela mulher que aí se instalara e acabara por dominar toda a casa. Não podia mantê-la em sua casa depois de ter casado, pois não teria lugar para ela no lar que tencionava fundar. A futura vida conjugal que planeava implicava a necessidade de estabelecer claramente um sistema de relações com o pessoal doméstico de patrão para criado. Ora, a relação com Zeliha nunca poderia ser assim, era uma relação bem diferente, quase de mãe para filho. Aliás, Zeliha tinha certamente consciência disso

³ «*Hanım*» é o equivalente turco de «Senhora» e, por vezes, um título honorífico anexado aos nomes das mulheres. (NT)

e como sabia que Cevdet ia casar em breve, mudar para o outro lado do Corno de Ouro⁴ e vender aquela casa, tinha redobrado de zelo nos últimos tempos. E foi assim que veio a correr da cozinha com um prato na mão.

— Come isto e eu faço-te um café a correr, meu filho... — disse.

— Já disse que não tenho tempo, de maneira nenhuma! — replicou Cevdet. Sorriu ao pegar na fatia de pão com compota de ginja, sentindo, de repente, alegria ao começar aquele dia. Agradecendo a Zeliha, sorriu de novo. Ao sair, apercebeu-se de que, no fundo, aquele sorriso era mais de compaixão e também de doloroso incómodo do que de afeto, pois sabia muito bem que não havia outra solução, que tinha de se separar dela. Ainda se voltou para Zeliha, dizendo: «Devo voltar para casa tarde.» E saiu, continuando a sentir um certo peso na consciência.

Ao encaminhar-se para o cupé, Cevdet Bei voltou a pensar no sonho que tivera: «Sou diferente, sou como sou, e ninguém me castiga!» Sentiu-se mais sossegado, mais seguro de si. Mas ao aproximar-se do cocheiro voltou a ficar apreensivo. Isto porque o cocheiro, que, como todos os cocheiros, decerto sabia tudo da sua vida privada, o observava com um olhar que significava: «Ah, pois, sei muito bem o que fazes todos os dias, sei perfeitamente onde vais e tudo o que te passa pela cabeça!» Apesar disso, Cevdet Bei sorriu para ele e perguntou-lhe como estava. Depois ordenou-lhe que fosse ao armazém, em Sirkeci, instalou-se no cupé e continuou a comer a fatia de pão com compota de ginja.

O cupé lá foi avançando, aos solavancos, pela rua fora, por entre as casas em madeira de Vefa⁵. Achando que teria necessidade dele, sobretudo para fazer compras, no período entre o noivado e o casamento, Cevdet Bei tinha alugado aquele cupé por três meses. Naquele bairro, o cupé aparentava ser mais imponente do que realmente era. Dois meses antes, quando soubera que Şükrü Paxá aceitava conceder-lhe a mão da sua filha, Cevdet fora a uma cavalaria em Feriköy, onde se alugavam cupés, e, depois de ter regateado

⁴ O Corno de Ouro ou Chifre de Ouro é um estuário que divide o lado europeu de Istambul. (NT)

⁵ Bairro de Istambul. (NT)

o preço, combinara com o cocheiro alugar o cupé por três meses. Não queria um cupé sem nenhuma classe, vagabundo, para ir a casa do pai da noiva, um paxá⁶, mas o seu orçamento também não lhe permitia comprar um cupé chique, que ficaria muito caro com as despesas de manutenção dos cavalos e o pagamento do ordenado a um cocheiro. «Mas seria também uma estupidez alugar o cupé por mais de três meses!», pensou Cevdet, dando mais uma dentada na fatia de pão barrada daquela compota de ginja de que tanto gostava. «Porque, na verdade, o aluguer é caro! Claro, seria melhor comprar o cupé do que alugá-lo... Mas se eu o comprasse, não poderia ter certas despesas necessárias com o armazém... Que fazer? Este casamento fica-me muito caro, mas são despesas inevitáveis...» Ao pensar no casamento, na vida nova com que sonhava há anos, na casa que ia comprar, na família que fundaria, na noiva, de quem tinha visto o rosto apenas duas vezes, Cevdet voltou a ficar de bom humor. A ideia de que algumas pessoas, incluindo alguns amigos, achavam absurdo e até desprezavam ou condenavam quem tinha uma despesa tão grande com o aluguer de um cupé durante meses só para dar nas vistas, parecer rico, ocorreu-lhe por instantes, mas como estava de bom humor não se preocupou mais com isso. Deu mais uma trincadela na fatia de pão com compota de ginja. «Se tivesse de me preocupar com atitudes dessas, não chegaria nunca a montar um negócio, com medo do que diziam os outros e de falhar. Aliás, é porque os muçulmanos andam sempre com receio do que dizem ou pensam os outros que não se aventuram num grande negócio... Quanto a mim, não me importa, sou ousado por natureza! E não poderia deixar de agradecer à senhora minha esposa, que com certeza gosta de andar de cupé...» Ficou de novo todo feliz ao pensar na noiva e na sua vida futura. Gostou de utilizar em pensamento o termo «esposa» para Nigân, essa bela rapariga que apenas vira por duas vezes. Sentiu-se docemente embalado pelo cupé, que balançava ao descer uma rua em declive. «Se os lucros com a sociedade e o armazém me permitirem, comprarei logo um cupé!», pensou ainda, devorando o último bocado da fatia de pão.

⁶ Título nobre dos governadores de províncias turcas no tempo do Império Otomano. (NT)

Depois, como uma criança que olha com tristeza para a mão vazia quando acaba de comer uma guloseima, observou os dedos com restos de compota de ginja e disse para consigo mesmo, preocupado: «Não há dúvida, este casamento vai arruinar-me!»

O cupé tinha chegado, entretanto, ao fundo da Rua Babiâli e metera pelas ruas adjacentes. O nevoeiro dissipara-se, a estranha luminosidade velada da manhã dera lugar à habitual luminosidade radiosa. Cevdet Bei transpirava dentro do cupé, que estava um forno com aquele sol de pleno verão a bater-lhe em chapa. «Vai estar muito calor! Ora bem, deixa-me ver: o que tenho para fazer hoje? Tenho de terminar rapidamente o meu trabalho no armazém. E depois talvez vá visitar o meu irmão mais velho.» A lembrança do irmão, que vivia numa pensão e estava doente, fê-lo sentir-se oprimido. «Depois, devo ir almoçar com o Fuat Bei, que chega hoje de Salónica... E à tarde irei ao *konak* de Şükrü Paxá.» A ideia de ver a sua noiva pela terceira vez emocionou-o. «Depois, irei novamente dar uma olhadela à casa que o homem da agência imobiliária arranhou para mim.» Cevdet Bei decidira que iria comprar uma casa em Nişantaşı ou em Şişli depois de ter casado. «Em seguida, volto para o armazém. Hoje não vou poder ficar lá muito tempo... Em que dia estamos? Agora me lembro: é segunda!» Contou os dias pelos dedos. Três dias antes, tinha havido um atentado à bomba contra Abdülhamid, na altura da procissão de sexta-feira. E duas sextas-feiras antes Cevdet tinha oficializado o seu noivado. «É verdade: já sou noivo há dezassete dias!», pensou. O cupé parou diante do armazém.

Ao chegar, Cevdet, que estava ensonado e um pouco tonto devido aos solavancos do cupé, despertou de repente e lembrou-se do que havia a fazer: «Ainda não foram encomendadas as tintas! A quem poderei vender as lâmpadas que não funcionam nada bem? Se o Eskinazi não me pagar a dívida hoje vou dizer-lhe que...» Ao entrar no armazém, dirigindo-se para o seu escritório, pensou: «É isso! Exigirei ao Eskinazi que me pague um juro suplementar e, se ele estiver de acordo, dou-lhe mais um mês para o pagamento da dívida...» Saudou secamente, com um movimento de cabeça, um dos seus dois aprendizes. Sorriu afavelmente para o outro, que era muito trabalhador e esperto. Depois, voltando-se para o primeiro, que era distraído e preguiçoso, disse:

— Traz-me um café! E também *poğaç*⁷!

Como sempre fazia todas as manhãs, com um passo rápido e nervoso, Cevdet foi sentar-se à sua secretária, no fundo da sala. Lançou olhares inquisidores à sua volta, como se procurasse qualquer coisa. Depois, acalmou ao ver o *Monitor do Oriente* pousado em cima da secretária, como acontecia todas as manhãs. E, como habitualmente, começou por olhar para a data do jornal: 24 de julho de 1905 — 11 *temmuz* 1321⁸, segunda-feira. Em seguida, Cevdet olhou de fugida os títulos das notícias mais importantes. Parou para ler as últimas notícias sobre o atentado. Leu ainda por alto os artigos sobre a guerra russo-japonesa, mas sem nenhum interesse. Virou logo a página e olhou para as informações sobre as operações financeiras na Bolsa. Viu duas ou três notícias que lhe interessaram bastante. Depois, leu atentamente os pequenos anúncios: o comerciante de aço Dimitri vendia o seu armazém de mercadorias, provavelmente porque estava numa situação financeira difícil. Panayot, que negociava como ele em eletricidade e quinquilharia, anunciava os seus novos produtos. Cevdet Bei pensou em pôr também um anúncio no jornal, mas depois desistiu. Ao ver o anúncio de uma companhia de teatro que inaugurava um espetáculo no Odéon, lembrou-se do irmão mais velho, gravemente doente, e da sua namorada, uma atriz de teatro arménia, e ficou apreensivo. Tentando esquecer a doença do irmão, pôs-se a comer a *poğaç* que o empregado lhe tinha trazido, a beber o café e a ler atentamente um artigo do jornal.

Como sempre, quando se punha a ler atentamente um artigo importante do jornal, Cevdet ficava chateado por causa das palavras francesas que não percebia. Ao tentar perceber, lembrava-se dos esforços que fizera para aprender francês, do dinheiro gasto com o professor que lhe dava aulas particulares, da família exemplar que vinha no manual pelo qual estudava com esse professor, da vontade

⁷ Tipo de bolo ou pão tradicional, muito popular na Turquia, cozido no forno e frequentemente recheado com carne, extremamente semelhante à nossa fogaça. (NT)

⁸ O dia 24 de julho de 1905, segundo o calendário da Hégira, era cronológica dos Maometanos, que principia na época em que o profeta Maomé fugiu de Meca para Medina (622 d. C.). (NT)

que tinha em ter uma família e um lar como essa família-modelo francesa, cuja vida quotidiana era relatada em frases simples e límpidas. Lembrar-se disso, e especialmente do facto de ir ter em breve uma vida cujo quotidiano seria semelhante ao daquela família francesa, imaginar isso enquanto fumava voluptuosamente o primeiro cigarro do dia, era muito agradável. Quando chegou a meio do artigo de jornal, decidiu não perder mais tempo. Levantou-se, pondo de lado o *Monitor do Oriente*, que lia porque todos os comerciantes o compravam e liam, sendo como era um jornal que refletia bem a vida comercial da cidade, além de ser útil para treinar o seu francês. Terminara de comer a *poğaçça*, de tomar o café e de fumar o cigarro, além de ler o jornal. Agora, em plena forma, estava pronto para se lançar ao trabalho. Na sua cabeça, os projetos comerciais não eram vagos e sem chama como no começo da manhã e também não fervilhavam como há pouco. As contas e as preocupações surgiam claramente na sua cabeça, como devia acontecer com um comerciante profissional, lúcido, equilibrado. Tudo estava sob controlo. «É isso: a primeira coisa a fazer é ver novamente como estão as contas com o Sadık», pensou.

Sadık era o contabilista da empresa. Um jovem, dez anos mais novo do que Cevdet Bei, mas aparentava ter já a mesma idade. Cevdet Bei subiu as escadas para ir ter com ele ao mezanino. Ficando a saber pelo contabilista que havia uma diferença, embora pequena, entre o dinheiro que, até quinta-feira, devia entrar e aquele que devia sair para pagar várias despesas, Cevdet decidiu reclamar a Eskinazi o pagamento da dívida.

Depois, desceu e foi ter com o pessoal que trabalhava nas várias secções da loja. Falou durante bastante tempo com um albanês de meia-idade que era chefe de secção. Cevdet, apontando para uma mesa cheia de latas de tinta, de lâmpadas e de outras coisas, tudo misturado, disse-lhe que o cliente gostaria, com certeza, de ver tudo bem arrumado, com a mercadoria separada. Mas o empregado albanês não percebia o que ele estava a dizer e tentou provar que a maneira como estava organizada a mercadoria era eficaz e agradava ao cliente. Então, Cevdet Bei foi por detrás do empregado, pôs a mercadoria separada e bem arrumada, tudo em ordem, lançou um olhar de reprimenda a todos os empregados e atendeu um cliente,

para dar o exemplo de como se devia fazer. Notando que esse gesto despertara vergonha e impusera respeito, voltou para o escritório.

Sentando-se à secretária, de onde podia ver toda a loja de vendas, decidiu redigir uma carta a encomendar tintas. Estando habituado a fazê-lo, escreveu a carta rapidamente, até metade, achando que, afinal, o melhor era recrutar um secretário que se encarregasse desse gênero de funções. Mas isso significaria despesas suplementares. «Será difícil nesta altura, em que vou ter tantas despesas com o casamento!», pensou. Nesse momento, chegou o vigilante da área do armazém onde estavam depositadas as mercadorias, área situada a poucos passos da loja. O vigilante disse que os carregadores não transportavam com cuidado as caixas grandes que continham lâmpadas, receando ele que as lâmpadas se partissem. Cevdet Bei levantou-se da secretária, furioso. Dirigiu-se ao local e ordenou que os carregadores abrissem as caixas e tirassem a mercadoria, transportando-a peça a peça. Dado que as lâmpadas tinham de ser despachadas por caminho de ferro para a Anatólia, o processo de carregamento era completamente absurdo, mas não havia outra maneira de as despachar em segurança. Depois de ter falado com o vigilante do armazém de mercadorias, Cevdet Bei terminou a carta, deplorando a perda de tempo e de dinheiro. Interrogou-se sobre a quem poderia vender as lâmpadas que estavam em mau estado. Talvez perguntando ao seu amigo Fuat, um comerciante em cuja inteligência e amizade confiava inteiramente. Depois, olhou para o relógio e viu que já eram cerca de duas horas e meia. Saiu do armazém, apressadamente, para ir ter com Eskinazi.

2

MUÇULMANO E COMERCIANTE

Ao sair do armazém, Cevdet Bei sentiu-se contente por ter resolvido sem grandes esforços os primeiros problemas do dia e por tudo estar a seguir o seu curso habitual. Sem passar pelo cocheiro, que estava a tagarelar debaixo de uma árvore com um

colega, dirigiu-se para Sultanhamam. O armazém e a loja de vendas de Eskinazi ficavam ali perto. Cevdet pôs-se a pensar no que lhe ia dizer, no suplemento que lhe ia propor em troca de um prolongamento do prazo de pagamento da dívida, na maneira de lhe expor a situação. Ao mesmo tempo que se entregava a esta reflexão, pelo caminho ia saudando os comerciantes da zona de Sirkeci, que conhecia muito bem de vista. Ao vê-lo, esses colegas de negócios sorriam-lhe, simpaticamente, ao mesmo tempo que, no olhar, deixavam transparecer uma certa expressão de surpresa e de curiosidade perante aquele muçulmano que se juntava à comunidade. «Esse comerciante de fez irá fazer parte da nossa comunidade?», interrogavam-se. «É preciso audácia, determinação, e isso é de louvar, agrada-nos», eis o que manifestavam através da expressão do olhar. E Cevdet Bei parecia dizer-lhes, ao olhar para eles e cumprimentá-los: «Sei muito bem quem sou, o que valho, e o que vocês pensam de mim!» Quando estava quase a chegar ao armazém de Eskinazi, um desses comerciantes (na maior parte judeus ou gregos) chamou-o do fundo da loja onde se encontrava, exclamando:

— Oh! Cevdet Bei! Que estilo! Que chique está hoje!

— Estou sempre! — retorquiu Cevdet Bei, para mostrar que tinha apreciado a brincadeira. Mas lembrando-se, de repente, da razão por que estava tão chique, sentiu um certo embaraço.

Entrou na loja de Eskinazi, que negociava em material de construção e bricolagem. A avaliar pelo à-vontade com que estavam os empregados de balcão, conversando despreocupadamente, Cevdet percebeu logo que o patrão estava ausente, e isso contrariou-o. Um dos empregados mais novos informou-o de que o barco que fazia a ligação entre as ilhas estava atrasado, devido ao nevoeiro. Cevdet lembrou-se então de que Eskinazi passava o verão em Büyükada⁹. De repente, ficou de mau humor. Para além desta contrariedade, sentia-se muito isolado no meio de todos aqueles comerciantes judeus, gregos e arménios.

⁹ A maior das nove ilhas turcas no mar de Mármara, perto de Istambul. O imperador bizantino Justino II mandou construir na ilha um palácio e um mosteiro que se tornaram famosos. Trotsky viveu na ilha entre 1929 e 1933. (NT)

Em vez de retomar o caminho pelo qual tinha vindo, decidiu ir, no regresso, pela avenida principal. Achou que a multidão e a animação dessa grande artéria da cidade dissipariam a melancolia que estava a sentir. Caminhava refletindo sobre as causas do seu mau humor: «Na verdade, sinto-me totalmente isolado no meio deles. Quantos poderão ser aqueles que, como eu, são ao mesmo tempo muçulmanos e comerciantes prósperos? Em todo o bairro de Sirkeci e em Mahmutpaşa, há a manufatura da Rua dos Salónicos, a loja que Fuat Bei acaba de abrir e ainda a farmácia de Ethem Pertev. Eu sou o mais rico de todos eles, mas, na verdade, isso também me faz sentir isolado.» O calor e a roupa pesada com que estava vestido faziam-no transpirar. «Lembro-me agora de que era assim no meu sonho», pensou. «Todos estavam juntos, só eu estava sozinho. E transpirava muito, o suor escorria-me pelo rosto.» Procurou o lenço nos bolsos e constatou que, de manhã, ao vestir-se, se tinha esquecido dele. «Quando casar, será a minha esposa que tratará disso!», pensou, mas, desta vez, a evocação do casamento e da vida de família não chegou para o acalmar. «Que fiz eu, afinal, para ser considerado diferente dos outros?», pensou ainda. «Tenho trabalhado muito, sempre com uma única ideia na cabeça: fazer prosperar o meu negócio! E a verdade é que consegui...» Ficou contente por encontrar o vendedor ambulante de licores de frutas a um canto da rua. Pediu um licor de cereja e bebeu-o de um trago. Sentiu-se mais animado e achou que, afinal, o seu mau humor se devia sobretudo ao asfixiante calor daquele dia de verão. Foi então que ouviu alguém chamar por ele:

— Eh! Cevdet! Como estás?

Era o doutor Tarık, amigo do seu irmão Nusret desde os tempos da Escola do Serviço de Saúde Militar. Ao ver Cevdet, o doutor Tarık reagira como todos os outros amigos do seu irmão: confundira-o com ele, até que passados uns instantes se apercebeu do erro. Perguntou então a Cevdet como estava o seu irmão mais velho, se estava melhor de saúde, e depois de este lhe ter respondido, disse:

— E tu? O que é feito de ti? Continuas nos negócios, não? Os negócios... — acrescentou ele, ambigualmente, sem esconder um certo desdém. E, depois de uma saudação vaga, perdeu-se no meio da multidão de Sirkeci.

«É verdade, sou comerciante, comerciante!», pensou Cevdet Bei, dirigindo-se à sua loja. «O que poderia fazer sem ser isso? Nem todos podem ser médicos, nem todos tiveram família com meios para mandar o filho estudar medicina e ser médico militar!» Lembrou-se da sua infância e da sua adolescência. O pai era um pequeno funcionário de província. A escola primária do sonho que Cevdet Bei tivera na noite anterior era a que frequentara em Kula. Depois, o pai fora transferido para Akhisar, uma pequena cidade servida por caminho de ferro e, portanto, mais próspera. Fora aí que Cevdet Bei frequentara o liceu. No verão, dava grandes passeios pelas vinhas de uvas sem grainha e pelos pomares de figueiras. Os professores costumavam dizer que ele e o irmão eram muito inteligentes. Quanto ao pai, Osman Bei, dizia que essa inteligência vinha do lado da mãe. Um dia, essa mãe, muito inteligente e muito amada pelo marido, ficou doente. Para que ela pudesse ser devidamente tratada, com bons médicos e num bom hospital, o pai pediu a transferência para um lugar em Istambul. Como lhe foi recusada, demitiu-se e instalou-se em Istambul, onde internou a mulher no hospital e abriu uma loja de negócio de madeiras em Haseki. Um ano depois, Nusret foi estudar para a Escola do Serviço de Saúde Militar e seis meses mais tarde, quando não a mãe mas sim o pai morreu subitamente, foi Cevdet quem se encarregou de tomar conta da loja e também da mãe, constantemente doente. Até aos vinte anos, Cevdet trabalhara como comerciante de madeiras em Haseki antes de se mudar para Aksaray. Aos vinte e cinco anos abriu uma pequena loja de quinquilharia, que transferiu alguns anos depois para Sirkeci, onde se encontrava atualmente. Nesse mesmo ano, a sua mãe morreu e Nusret, que deixara tudo o que tinha ao irmão, foi viver para Paris. No ano seguinte, Cevdet rompeu completamente as relações com os membros da sua família em Haseki e comprou a casa em Vefa. «Não podia prosseguir os estudos e tornar-me como Nusret médico militar, não tinha vocação nem condições materiais para isso», pensou novamente. «O que me pareceu mais acertado foi prosseguir e desenvolver a atividade comercial. E entreguei-me ao trabalho de alma e coração, audaciosamente, conseguindo fazer o que poucos conseguem. Se tivesse sido mais timorato, limitar-me-ia a continuar com o mesmo

pequeno negócio de madeiras.» Uma sensação de tédio invadiu-o ao lembrar-se de como era mesquinha a vida no bairro de Haseki, o género de vida do seu meio familiar e dos amigos de então. «Tinha de fugir deles, de cortar com aquele género de vida. Naquele meio social era impossível evoluir», pensou. Ao avistar a sua loja, murmurou: «A *minha* loja!» Mas parecia-lhe que o seu maior êxito consistia menos no facto de inicialmente ter apenas um pequeno comércio de madeiras para passar a ser proprietário daquela grande loja, com armazém de mercadorias contíguo, do que no facto de há já cinco anos negociar em lâmpadas elétricas. Depois de ter conseguido o privilégio de se tornar oficialmente o fornecedor de lâmpadas da Câmara e da Sociedade de Transporte Marítimo, Cevdet passara a ser conhecido no seu meio como «Cevdet Bei, o iluminador». Ao lembrar-se desse êxito pessoal ficou todo orgulhoso e de bom humor. Os lucros tinham quadruplicado desde que se tornara o fornecedor oficial de lâmpadas para iluminação pública. Tivera de untar as mãos a todos os funcionários da Câmara. É verdade que isso tinha sido um pouco penoso para ele, mas valera a pena pelo sucesso comercial obtido. «Que queriam que eu fizesse? Ninguém me ia castigar por isso...», pensou Cevdet Bei, contente por ter realizado o seu sonho. A imagem de Zeliha Hanım, na soleira da porta, olhando para ele, surgiu-lhe de repente. «O que poderia fazer? Sim, o que poderia fazer senão isso? É a vida!», pensou ainda. Sentia-se sereno e invencível, como se envergasse uma armadura invisível que o protegesse sempre de tudo. Olhou demoradamente e com orgulho para a tabuleta por cima da porta de entrada do seu estabelecimento comercial:

CEVDET BEI E FILHOS Quinquilharia — Importação — Exportação

Ainda não tinha filhos nem tinha começado a exportar, mas acalentava projetos para as duas coisas. «Ainda não consegui recuperar o dinheiro da dívida do Eskinazi», pensou ao entrar na loja. «Tenho de verificar tudo com Sadık, o contabilista. Tenho também de

pensar no que vou fazer com as lâmpadas defeituosas... Que horas são? O tempo passa a uma velocidade... Tenho de ir ao armazém antes que eles derrubem e partam toda a mercadoria que acabou de chegar... O que quererá este miúdo?»

— É da parte da menina Çuhacıyan — disse o rapaz, entregando-lhe um envelope.

— Menina Çuhacıyan?! — Cevdet Bei não estava a ver de quem se tratava e, sem perceber bem porquê, corou. Deu uma gorjeta ao rapaz; depois, lembrando-se de que Çuhacıyan era a namorada arménia do seu irmão, ficou preocupado. Abriu febrilmente a carta e leu-a:

Cevdet Bei: o seu irmão Nusret está muito doente. Ontem à noite perdeu os sentidos. Esta manhã, parecia estar um pouco melhor, mas o seu estado continua a ser muito preocupante. Se pudesse vir vê-lo rapidamente ele ficaria muito feliz. Por favor, não lhe diga que lhe escrevi esta carta...

«Coitado, está muito doente!», murmurou Cevdet Bei. «A verdade é que a nossa mãe também estava assim e não morreu.» Meteu a carta no bolso. «Aposto que estão a tentar extorquir-me dinheiro... E eu não tenho tempo a perder!», pensou.

Ao ver o rapaz, que olhava para ele à espera de uma resposta, sentiu alguma vergonha dos seus pensamentos. «O que estou eu para aqui a pensar?! Talvez ele esteja, de facto, muito mal... Como posso ter-me tornado assim?!» Caminhou nervosamente de um lado para o outro, pensando ainda: «Deve ser verdade: o meu irmão está a morrer.»

Depois de lhe ter dado mais uma gorjeta, disse ao rapaz que se fosse embora. Então, foi ter com o vendedor albanês e com Sadık, o contabilista, mas não sabia bem o que lhes dizer; sentiu-se confuso. Apercebeu-se, até pela expressão desconcertada dos seus empregados, de que estava demasiadamente perturbado a nível emocional. «O meu irmão está a morrer...», pensou. Sentiu que, inesperadamente, começava a ficar aflito, dominado pela angústia e pela culpa. «Tenho de manter a calma!», disse para si próprio ao entrar no cupé. Ordenou ao cocheiro que fosse a Beyoğlu.

Quando o cupé se pôs em andamento, Cevdet Bei conseguiu dominar um pouco a sua inquietação. «Talvez seja apenas uma

crise passageira... O mesmo aconteceu com a nossa falecida mãe. No fundo, sinto-me aflito porque o Nusret é a única pessoa da família que me resta. Não tenho mais ninguém!», pensou. Recusando-se a ficar de novo preocupado como quando regressara da loja de Eskinazi, Cevdet olhou pela janela do cupé, tentando pensar noutra coisa.

O cupé parou à entrada da ponte de Gálata para o cocheiro pagar a portagem. O vendedor de limonada apregoava a sua mercadoria instalado no local habitual, no Corno de Ouro. As moscas pousavam nos frutos do vendedor de pêssegos, que estava ao lado. Ao longe, diante do estaleiro naval de Kasımpaşa, viam-se carcaças de barcos, barcos tombados e barcaças ferrugentas. O cupé voltou a andar. O nevoeiro matinal dissipara-se, dando lugar a um céu de um azul límpido, com algumas pequenas nuvens dispersas. Um barco a vapor que Cevdet Bei reconheceu, o *Subulet*, afastava-se em direção do mar de Mármara. No meio da ponte, um homem corpulento, com um chapéu grande, e uma mulher que não ocultava o rosto contemplavam o mar; os filhos, com fatos de marujo, iam de mãos dadas com eles, um de cada lado. «É uma família assim que eu quero!», pensou Cevdet Bei olhando para eles. Mais ao longe, junto de um poste, dois homens de fez observavam também aquela família. «Sim, uma família como esta!», voltou a pensar. Carregadores de malas, apressados, passaram à frente dos homens de fez e gravata. O *Sabilbent*, outro barco a vapor que Cevdet Bei conhecia, atracava, sob o olhar curioso de crianças que se colavam aos portões do cais de embarque. Nos primeiros meses depois de ter chegado a Istambul, Cevdet Bei também tinha ido ali para contemplar o mar, os barcos, as pontes, o movimento de pessoas e de belos automóveis, todo aquele estranho tumulto. Nessa altura, o cais de Sirkeci ainda não tinha sido construído. «Nessa época... há vinte anos já...», pensou, e lembrando-se de que a primeira vez que ali estivera tinha sido com o irmão, ficou preocupado, com medo de que acontecesse o pior.

Tirou do bolso a carta da arménia e releu-a atentamente. Ela pedia-lhe para não dizer a Nusret que tinha escrito aquela carta. Se uma mulher tão apaixonada e preocupada ainda tinha tempo para refletir em pormenores desse género, a situação não seria

assim tão desesperada. Sentiu-se mal consigo mesmo ao admitir a hipótese de que aquela carta fosse uma armadilha, um golpe baixo que tinha como finalidade sacar-lhe dinheiro. «Mas então porque é que ela me pediu para não dizer nada ao irmão?! Não faz sentido!», pensou. «Talvez simplesmente porque a proíbe de me dar notícias dele!», concluiu. Na verdade, Nusret não gostava da mentalidade nem do modo de vida de Cevdet, desprezava-o, mas apesar disso pedia-lhe dinheiro de vez em quando. Por isso é que Nusret não queria ver o seu irmão mais novo e, quando se encontravam, sentia-se mal na sua presença, ao mesmo tempo que o tentava humilhar com recriminações e críticas cada vez mais ofensivas. Cevdet tinha consciência disso, dessa incompatibilidade, sabendo perfeitamente que o encontro entre os dois era sempre desagradável. Não estavam bem juntos, e por isso raramente ia vê-lo. Quando ia, discutiam por tudo e por nada. Cevdet dizia que a melhor maneira de o irmão se curar da doença que o atormentava e de que não conseguia libertar-se era ficar internado no hospital durante algum tempo. O irmão respondia-lhe dizendo que os hospitais só serviam para mandar pessoas para o cemitério e que, como médico, sabia bem disso. Depois da discussão, ficavam em silêncio e Cevdet ia-se embora, deixando um envelope com dinheiro a um canto da mesa. Voltou a ler a carta da arménia e pôs-se a comparar as manifestações da doença no seu irmão e na sua mãe.

Ambos tinham sido atacados pela tuberculose. Passando por fases, alternadamente, de melhoras e de agravamento da doença, a mãe tinha sofrido horrivelmente durante anos e anos. No irmão, tinham surgido os primeiros sintomas da doença há três anos, quando estava em Paris. Até morrer, a mãe passara o tempo a protestar contra a sua sorte, a queixar-se de tudo e de todos, fazendo a vida negra àqueles que a rodeavam. O irmão era igual, até fisicamente: como ela, era muito magro e de constituição débil. Cevdet Bei ficara alarmado quando o vira ao regressar de Paris. No entanto, havia diferenças: enquanto a mãe sempre cumprira com tudo o que os médicos lhe mandavam fazer, o irmão, talvez por ser ele próprio médico, estava sempre a troçar deles, contestava-os, além de ser alcoólico e com mau feitio. «Não teve cuidado!», murmurou Cevdet Bei. Sentiu que, no fundo, gostava muito daquele

irmão mais velho e que, verdadeiramente, não o culpava por todos os remoques, por todas as censuras e pelo desprezo que tinha por ele. Lembrou-se da infância de ambos: brincavam juntos, com amigos comuns, ao jogo das nozes, ao guarda-redes, ao escorrega... Na altura da festa de Hidrellez¹⁰, partiam juntos para o campo, comiam anho e halva¹¹. As raparigas dividam-se em dois grupos, brincavam às noivas e cantavam canções populares. Akhisar era uma localidade rodeada de vinhas e de pomares. «Tudo isso passou, já vai longe!», murmurou Cevdet. O cupé chegou a Tünel¹² e seguiu para Galatasaray. De súbito, parou junto da loja de Verdoux, o oculista. Cevdet Bei esticou-se para olhar pela janela do cupé e ver o que se passava. Um pouco adiante, um landau tinha-se voltado e bloqueava a calçada. Cevdet Bei observou, aborrecido pelo contratempo, tudo o que o rodeava, leu as tabuletas dos estabelecimentos comerciais e pôs-se a olhar para as pessoas que passavam.

Um homem de chapéu saía da barbearia do célebre barbeiro Petro. Duas cristãs olhavam para a montra de Botter, onde havia a seguinte inscrição: «Alfaiate de Veliyaht Reşat Efendi». A montra de Decugis brilhava com os objetos em prata e em cristal expostos. Um pouco mais adiante havia a Pastelaria Lebon. Ao ver a tabuleta da mercearia de Dimitrokopulo, Cevdet Bei sentiu-se de novo possuído pela estranha sensação de solidão que o assaltara nessa manhã. Tentou contrariar essa sensação lembrando-se dos jardins de Akhisar. «Não posso estar nem com eles nem com os outros!», pensou. Nesse momento, o cupé voltou a andar. «Se ao menos o meu irmão fosse simpático para mim, não me hostilizasse, não me desprezasse... Mas, afinal, o que se passa comigo hoje?», pensou ainda. O sonho que tivera nessa noite surgia-lhe agora claramente como um sinal premonitório de um dia péssimo, em que tudo corria mal. De todos os colegas de escola, o seu irmão, por incrível que pareça, era aquele que o olhava com maior desprezo e mais

¹⁰ Festa religiosa na Turquia que celebra a chegada da primavera. (NT)

¹¹ Doce popular no Médio Oriente. (NT)

¹² Linha ferroviária subterrânea (funicular) em Istambul, que data de 1875, ligando duas estações, uma em Karaköy, entre o Corno de Ouro e a ponte de Gálata, e a outra no alto da colina de Beyoğlu, junto à torre de Gálata. Por extensão, a palavra «Tünel» designa também o bairro à volta da estação. (NT)

hostilidade. «Porquê essa atitude? Porquê esse desprezo? Talvez porque se proclamava e se comportava como um Jovem Turco!», concluiu.

Tinha sido na altura da sua primeira viagem a Paris que Nusret descobrira o que eram os Jovens Turcos. Acabara o curso na Escola do Serviço de Saúde Militar, obtendo o grau de tenente licenciado em Medicina. Fizera um estágio de dois anos no hospital de Haydarpaşa e fora trabalhar durante alguns anos em hospitais militares da Anatólia e da Palestina. Fora certamente pelo seu temperamento colérico e brigão que o tinham transferido várias vezes de um hospital para outro. No ano em que Cevdet Bei abrira a sua loja de quinquilharia em Aksaray, Nusret fora transferido para Istambul e casara-se com uma rapariga que a família de Haseki lhe arranjava. Dois anos depois, partira para Paris, deixando a mulher, que estava grávida. A acreditar na família e em todos aqueles com quem Cevdet Bei tinha então cortado relações, a causa dessa viagem devia-se a certas leituras. De facto, ao que tudo indicava, Nusret mergulhava durante horas a fio na leitura de certas revistas e do jornal *Mizan*, nos quais o historiador Murat Bei evocava a Revolução Francesa num tom entusiástico e de forma idealizada. Quanto a Nusret, afirmava que a sua partida para Paris era motivada por um único objetivo: prosseguir os seus estudos em medicina e especializar-se em cirurgia. Imagine-se: ele, que não suportava ver matar um frango! Por seu lado, Cevdet Bei achava que a razão pela qual o irmão partira para Paris se devia ao facto de se sentir inadaptado. Ao fim de quatro anos, Nusret voltara, divorciara-se, começara a beber muito, proclamara-se inimigo do sultão, regressara a Paris, distinguira-se entre os Jovens Turcos — se é que se pode considerar um ativista notável alguém que como ele se torna um alcoólico —, mas, por falta de dinheiro e de trabalho, por andar esfomeado, voltara para Istambul, e tudo isso se devia mais uma vez ao facto de ser um inadaptado, segundo Cevdet Bei. No entanto, Cevdet tinha consciência de que o irmão, apesar de tudo, lhe era de certo modo superior e que as pessoas o consideravam mais brilhante e até mais agradável e fiável do que ele. «E isso por uma razão muito simples: o Nusret jamais assume a responsabilidade pelos seus atos», pensou Cevdet Bei. Enquanto ele, pelo contrário,

nunca deixava de assumir a responsabilidade pelos seus, quanto mais não fosse perante si próprio e perante a sua própria vida. Cevdet sentiu, de certa maneira, vergonha das reflexões que lhe passavam pela cabeça, mas acabou por chegar à seguinte conclusão: «Eu sou responsável, tenho ideais e objetivos na vida, ao passo que ele, a única coisa de que gosta verdadeiramente é de se exhibir!»

3

O JOVEM TURCO

O cupé virou para a estreita rua onde se encontrava o Hotel de Saboia. Passados alguns minutos, parou diante de um edifício antigo, em pedra, de dois andares. A gerente da pensão veio abrir a porta a Cevdet Bei e, pondo-se respeitosamente de lado, olhou para o cupé estacionado à entrada. Depois, aproveitou a ocasião para pôr logo as coisas em pratos limpos: disse-lhe que o seu irmão mais velho fazia muito barulho, incomodava os outros hóspedes e, embora estivesse doente, comportava-se de uma maneira inconveniente. Cevdet Bei subiu as escadas ouvindo atentamente a gerente da pensão e acenando com a cabeça perante as recriminações da mulher, que ameaçava expulsar Nusret. «Pelos vistos, o Nusret não tem nada ou pelo menos não deve estar muito mal!...», pensou. Subiu rapidamente os degraus em pedra e tocou à porta do quarto. A última vez que estivera ali fora há duas semanas, depois de ficar noivo.

Como esperava, foi a arménia que veio abrir a porta. E como sempre quando a via, Cevdet ficou atrapalhado, até corou. Para tentar mascarar a sua atrapalhação, pôs um ar pensativo e confuso, como o de alguém que se lembra subitamente do que andava à procura, e entrou no quarto.

— Como vai o meu irmão? — perguntou Cevdet Bei. Ao dizer isto, viu Nusret, na cama, com as costas apoiadas num travesseiro. «Não tem nada», voltou a pensar.

— Ah, és tu! O que te deu para me vires visitar?!

Cevdet Bei sorriu, tentando adivinhar pelo tom de voz do irmão qual seria o seu estado de saúde. Foi ter com ele, abraçou-o e aproximou o seu rosto do de Nusret.

— Não se deve abraçar um tuberculoso! — disse Nusret, deixando, no entanto, que o irmão o abraçasse, como se lhe concedesse uma graça.

— Como estás? — perguntou Cevdet Bei, sentando-se numa cadeira ao lado da cama.

— Que mosca te mordeu?! — perguntou, antes de lançar um olhar desconfiado à namorada. — Maria, foste tu que lhe pediste para vir?

— Por que razão o faria? Nada disso, veio de sua própria iniciativa! — respondeu ela, com uma voz doce e melodiosa.

— Irmão: achas que eu só viria se alguém me dissesse para vir? — disse Cevdet Bei. E sentindo-se invadido pelo sentimento de culpa que sempre o assaltava quando estava com o irmão, corou. — Então, como vais de saúde, como te sentes? — voltou a perguntar.

Nusret voltou-se para a arménia com uma expressão de cólera:

— Foi isso: foste tu que lhe disseste para vir-me! Já perguntou pela minha saúde duas vezes. Porquê?

— Nusret! — disse Maria num tom de lamúria, aproximando-se dele e tentando acalmá-lo. Cobriu-o com o lençol e voltou-se para Cevdet Bei. — O seu irmão não está muito bem. Estava mesmo muito mal ontem à noite. Desmaiou. Agora está um pouco melhor, mas não nos podemos fiar muito!

— Nada disso! Não tenho nada! — gritou Nusret. Queria continuar a falar mas, ficando sem fôlego, calou-se. A única coisa que conseguiu fazer foi lançar olhares de fúria e de desprezo.

— Já chamaram um médico? — perguntou Cevdet a Maria.

— Um médico? Ela não quer médicos — resmungou Nusret. — Aliás, que médico poderia ser melhor do que eu?! A medicina é a inimiga da humanidade!

Maria lançou a Cevdet Bei um olhar de perplexidade.

«A verdade é que é a mim que incumbe chamar um médico», pensou ele, incomodado pelo olhar de Maria, que o fixava olhos nos olhos. Maria não era propriamente bela, mas Cevdet achava-a encantadora, muito atraente. Interrogou-se sobre a razão, aparentemente

incompreensível, que levara uma mulher assim a ter uma relação amorosa com um homem como Nusret, um alcoólico e, além disso, doente e sem dinheiro. Pôs-se a observar o quarto: uma vasilha de cozinha para lavagem de loiça, alguns pratos e copos em cima duma mesa, indicando que se serviam da loiça e a lavavam frequentemente ali mesmo. Lençóis e camisas recém-lavados e passados a ferro estavam arrumados a um canto, empilhados. Os objetos, as paredes, os vidros... tudo aquilo estava limpo e brilhante. Nem parecia o quarto de um doente, mas sim um quarto acabado de limpar e preparado para acolher convidados numa casa de rico. Sentindo despertar nele o desejo de ter mulher e filhos instalados numa casa bem cuidada, olhou de novo para a arménia e voltou a corar. Virou-se depois para o irmão. Nusret respirava com dificuldade. Cevdet Bei teve a impressão de que Nusret e Maria ocupavam todo o espaço e que ele estava ali a mais. Olhando de novo para a arménia, teve um pensamento estranho: nunca na sua vida, com qualquer mulher, fosse ela qual fosse, conseguira ser amado como Maria amava Nusret.

— Viste o Ziya, por acaso? — perguntou, então, o irmão. Ziya era o filho de Nusret, agora com nove anos. Nusret deixara-o com a família em Haseki.

— Não — respondeu Cevdet Bei, surpreso com a pergunta. O irmão sabia muito bem que ele nunca mais fora a Haseki. Quem se encarregava das relações dos dois irmãos com a família de Haseki era Zeliha Hanım, a velha que Cevdet levara consigo para a casa em Vefa, a fim de tratar das tarefas domésticas. Zeliha não lhe dissera nada sobre Ziya ultimamente.

— Talvez fosse melhor mandar o Ziya para a aldeia, viver com a mãe — disse Nusret. — Mas, por outro lado, se é para viver no meio de um bando de labregos, mais vale ficar na cidade. — Depois de fazer uma pausa para retomar fôlego, acrescentou: — Tu e eu cortámos os laços com a família de Haseki. Mas por razões diferentes: eu, para não ser um fardo para eles e tu, para não os teres a teu cargo! — Voltou a calar-se para repousar e retomar o fôlego. Depois, Cevdet Bei notou no rosto do irmão aquela expressão de acusação tão sua conhecida quando ele disse: — Já tinhas vindo, da última vez, num cupé! É teu?

— Não, aluguei-o.

— Então agora pode-se mandar parar um cupé na rua e alugá-lo?

— Não, aluguei-o por três meses — respondeu Cevdet Bei, incomodado.

— Ah, agora percebo: referes-te a essas viaturas que se alugam para dar nas vistas!... Como se aluga uma casaca ou mesmo uma gravata de seda, não é? — disse Nusret, sorrindo com uma expressão de escárnio para Maria.

Cevdet Bei sentiu-se cada vez mais incomodado. Teve mesmo a sensação de ser um homem sem moral e sem valor.

— E estás muito chique hoje! — continuou Nusret, com o mesmo sorriso escarninho e desdenhoso. Depois, não dando tempo ao irmão para lhe responder, voltou-se para Maria e acrescentou: — Já te tinha dito que o Cevdet está noivo da filha de um paxá? — E dirigiu-se novamente a Cevdet: — Como é ela? Tem algum valor? Tem qualidades?

— Claro que sim! — respondeu o irmão.

— Como sabes? Quantas vezes a viste?

Sentindo o suor escorrer-lhe na frente e na nuca, Cevdet Bei levantou-se, procurou nos bolsos um lenço, mas logo se lembrou de que o tinha esquecido em casa e, voltando a sentar-se, respondeu, em voz baixa:

— Duas vezes.

— Duas vezes! Só a viste duas vezes e isso chega-te para concluir que é uma pessoa de bem, uma mulher com qualidades! Bom. E vocês falaram muito um com o outro, conversaram?

Cevdet Bei teve a sensação de que ia cair da cadeira.

— Ouviste o que eu disse? Perguntei-te se conversaram um com o outro! Como é que chegaste à conclusão de que ela era uma pessoa de bem, com valor, com qualidades? Do que falaram?

— De tudo e de nada — respondeu Cevdet Bei.

— Não fiques envergonhado, homem! — exclamou subitamente Nusret. — Não tens culpa por não lhe teres falado! É o resultado de todas essas tradições idiotas, miseráveis! Percebeste o que eu disse? Percebeste o que é esse mundo miserável de convenções idiotas? Não, não compreendeste, não percebeste nada, mas abanas com a cabeça, como se tivesses compreendido! Poderias ser como eu, viver como eu vivo. Mas não, não é o teu género!

Tu queres ter uma família convencional, um lar! E terás! Mas não terás o amor de uma mulher como aquela que eu tenho!

Os dois irmãos olharam simultaneamente para Maria. Cevdet Bei teve consciência de que enquanto estivesse na presença do irmão não conseguia evitar um sentimento de vergonha e também aquele suor horrível que lhe escorria pela frente e pela nuca.

— Deixa-te lá de corar assim! — disse Nusret. E, apontando o dedo para Maria, acrescentou: — Ela agrada-te, não? Sentes admiração por ela, não é verdade?

— Nusret, por favor, para com isso! — disse Maria, não parecendo, no entanto, incomodada ou zangada. Pelo contrário, tinha um ar sereno e distanciado.

— É verdade, tu agradas-lhe! Sente-se mesmo atraído por ti! — repetiu Nusret, sorrindo para Maria. — Porquê? Porque ele te acha europeizada. O meu irmão adora tudo o que vem da Europa! Exceto uma coisa... — Refletiu até encontrar a palavra exata que procurava: — A revolução! Sabes o que quer dizer revolução? — perguntou ao irmão. — Uma revolução com guilhotina, em que há sangue por todo o lado? Mas como poderias sabê-lo? Só amas e conheces uma coisa...

Ou porque não conseguiu concluir a sua ideia, ou porque não quis exprimi-la abertamente, Nusret deixou a frase em suspenso. Limitou-se a fazer um gesto com o polegar, esfregando-o no indicador, para designar o dinheiro.

Cevdet Bei não aguentou mais. Era ainda pior do que no seu sonho. Ergueu-se bruscamente, como se fosse saltar para cima de alguém, e deu dois passos vacilantes na direção de Nusret.

— Meu irmão: tenho muito afeto por ti, mas isto é impossível de suportar. Porque temos de chegar a este ponto? É uma discussão estúpida!

Era a primeira vez desde há anos que ocorria um incidente assim entre os dois. Todo confuso, sem saber o que fazer, Cevdet Bei voltou-se para Maria e sorriu-lhe. «Porque é que disse isto?», interrogou-se. «Meu Deus, como estou a transpirar!» Era, de facto, ainda pior do que no sonho.

Nusret curvou-se subitamente para a frente e depois, deitando-se para trás, deixou cair novamente a cabeça em cima do travesseiro.

Voltando a dobrar-se para a frente, começou a tossir com violência. A sua respiração rouca e ofegante, de quem tem os pulmões atacados, uma respiração semelhante a um estertor, era verdadeiramente aterradora. Não sabendo o que fazer, sentindo-se profundamente incomodado e assustado, Cevdet Bei olhava fixamente para o irmão, que se torcia todo com os sucessivos espasmos de tosse. Depois, achou que era preciso agir. Maria precipitara-se para junto de Nusret e, sentada na beira da cama, segurava-o pelos ombros. Cevdet Bei tomou a iniciativa de ir abrir a janela e, quando tentava forçar o trinco, Nusret, cujo acesso de tosse acalmara entretanto, gritou:

— Não, não abras! Não quero que entre no quarto a porcaria que vem da rua. Recuso-me a deixar entrar toda essa atmosfera de sujidade, de miséria e de ordinarice, todo esse horroroso mundo de obscurantismo e de despotismo. Estamos muito bem assim... — Falava como se estivesse a delirar. — Que ninguém abra a janela. Pelo menos enquanto o meu país não se libertar do obscurantismo, como aconteceu em França, enquanto Abdülhamid¹³ não cair, enquanto as luzes não vierem e tudo fique limpo, digno, decente. Enquanto isso não acontecer, não quero que abram a janela... — De repente, voltou a ser acometido por um acesso de tosse muito forte e começou a tremer. Tentando acalmá-lo e dominar-se a si próprio, Cevdet Bei ajeitou o travesseiro nas costas do irmão. Estava a levantar a ponta do lençol que se arrastava pelo chão quando viu Maria a aproximar bruscamente a cabeça da sua.

— Um médico... — segredou-lhe ao ouvido. — Por favor, vá procurar um médico... Eu não posso, porque ele não quer que eu vá!

— De acordo, vou já — murmurou Cevdet Bei. Depois, receando cruzar o seu olhar com o olhar do irmão, que continuava a contorcer-se com o ataque de tosse, saiu rapidamente do quarto. Mal a porta fechara atrás de si, ouviu a voz do irmão a gritar:

— Onde foi ele? Já sei: foi procurar um médico. O que raio pode fazer um médico no meu caso? Não vale a pena, não preciso!

¹³ Conhecido por Imperador dos Otomanos (1842-1918), foi o último sultão otomano a governar despoticamente, com poder absoluto, entre 1876 e 1909, tendo sido deposto após a revolução dos Jovens Turcos. (NT)